

O CICLISMO DO PASSADO

JOSÉ BENTO PESSOA, «recordman» do Mundo

A vitória de um corredor português no primeiro campeonato de Espanha

O ciclismo lusitano tem um passado brilhante. Alguns dos corredores de outros tempos conseguiram salientar-se no estrangeiro — e contra campeões de renome internacional. José Bento Pessoa e José Maria Dionizio, principalmente, foram famosos no seu tempo. E um outro português, feito corredor na Argentina, António Soares de Oliveira, grande atleta em provas de pista, bateu o campeão do Mundo, Momo, italiano, mais de uma vez, no velódromo da sua terra natal, construído em homenagem ao próprio campeão.

De todos estes grandes corredores portugueses, coube a José Bento Pessoa tornar-se mais conhecido em Espanha — e por um facto curioso, que é um título de honra para ele: ter vencido o primeiro campeonato de Espanha em estrada.

Passou-se isto em 1897 e a proeza de José Bento Pessoa mereceu já duas referências de elogio ao conceituado e categorizado jornal espanhol de desportos — a «Marca». A segunda destas referências data de há poucos meses. Vem sómente de 11 de Agosto do corrente ano. Os subtítulos do artigo eram sugestivos: «O português Bento Pessoa, vencedor da prova, percorreu os 100 quilómetros do percurso em 3 horas e 28 minutos» e «os corredores tinham de ir armados para a estrada»...

É interessante juntar algumas notas para realce da brilhante vitória alcançada por José

Bento Pessoa — extraídas umas do artigo publicado na «Marca» e juntas outras pelo jornalista. Digamos, entretanto, que em 1897 não existia ainda a União Velocipédica Portuguesa, fundada em 14 de Dezembro de 1899. Nos termos da organização internacional da época, a superintendência da União Velocipédica Espanhola estendia-se aos dois países peninsulares. E os melhores corredores portugueses, profissionais quasi todos eles, mas profissionais com apuro e valor, iam disputar provas onde elas apareciam.

Quando se abriu a inscrição para o campeonato de Espanha em estrada era por isso extensiva aos corredores dos dois países. José Bento Pessoa, em plena forma, não faltou. Segundo narra a «Marca», tomaram parte na competição ciclistas de dez regiões de Espanha — e para dar carácter internacional à prova foram também corredores portugueses. Julgamos que não deve ter sido assim. Os portugueses foram por se tratar de um campeonato a que podiam concorrer. A «Marca» fala ainda de corredores, no plural, mas aponta só o nome de José Bento Pessoa.

Bento Pessoa venceu em 3 h. e 28 m., o que dá, para 100 quilómetros de percurso, a média horária de 28,846 km., nada má para uma corrida disputada há 47 anos! Nos lugares imediatos classificaram-se Sagrañes, de Reus, em 3 h. e 29 m., Fabian, aragonês, e Escobar, de Torrijos. Os favoritos da corrida eram Sagrañes, Pleris e Escobar. José Bento Pessoa bateu-os a todos.

O primeiro campeonato de Portugal de pista disputou-se em 1899. Pessoa ganhou a prova, deixando Luciano Pinto a meia roda.



José Bento Pessoa

(Reprodução de uma gravura da época)

Antes, no decurso de 1897, inaugurou-se em Madrid o velódromo de Chamartin. José Bento Pessoa correu também ali e ganhou uma prova internacional. Nesse mesmo ano bateu um «record» do Mundo — o dos 500 metros em pista, do grande «pistard» francês Jacquelin, que estava em 34 s. e 3/5. Pessoa fixou-o em 33 s. e 1/5. Nesta distância, e em pista, conseguiu outra vitória brilhante contra Champion, que o desafiara.

Era desta ténpera o grande corredor português.

BIBLIOGRAFIA

«A educação física na Mocidade Portuguesa»

pelo cap. Celestino Marques Pereira

Em separata do Boletim do Comissariado da «M. P.», publicou o capitão Celestino Marques Pereira, director dos serviços de Educação Física daquela Organização, o importante trabalho que apresentou como tese oficial no último congresso da União Nacional.

Este novo trabalho do activo professor e propagandista da ginástica, educadora em Portugal, lê-se com proveito: porque trata com clareza e profundidade, ante o pensamento do leitor, o panorama geral das condições, características, objectivos e necessidades da educação física da juventude portuguesa, e porque também desenvolve em equação os elementos do problema para apresentar soluções — que podem ser discutidas mas possuem o incontestável valor de um critério definido e argumentado a fundamentá-las.

Análisa o autor, sucessivamente, a obra feita pela «Mocidade Portuguesa» — a qual considera positiva, mas não completa, por imperiosos motivos materiais, — o contributo da iniciativa particular que lhe merece louvor, a situação da educação física ante os outros aspectos da formação da juventude e, ainda, o caso, tanta vez comentado, da dualidade existente de métodos oficiais e que classifica de «uma das maiores deficiências na acção formativa», a mais grave, à qual é indispensável pôr termo.

Para possível resolução satisfatória do problema da educação física da juventude, o capitão Marques Pereira preconiza, e ninguém lhe negará acerto, unidade na chefia, orientação centralizada e descentralização na acção.

«Não se pretende com esta unidade de comando — afirma o autor — a implantação de uma ortodoxia injustificada, ou a mesma se não restringir aos princípios doutrinares e metodológicos que tornam a prática dos meios físicos processologia da formação da pessoa humana e lhe permitem alcançar as superiores finalidades imediatas apontadas à educação física. Mas onde estes princípios não estejam em causa, um salutar ecletismo impõe-se, não só como aproveitamento do que em âmbitos educativos alheios se possa colher, como fruto ainda do valor da iniciativa individual dos vários agentes de ensino. Uma casa constrói-se obedecendo-se a certas indicações taxativas, mas nada, no entanto, impede que nela se saliente e perfeitamente fique vinculada a orientação pessoal do arquitecto que elaborou os seus planos».

Após esta afirmação doutrinária, o autor esclarece a quem deva pertencer a unidade de comando, discernindo entre a Escola e a «Mocidade Portuguesa» mas omitindo em absoluto a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, o que nos parece um vácuo apreciável na consistência da apreciação do assunto. Depois de minuciosa argumentação, dentro da melhor lógica — discursiva, repetitiva, mas aceitável, por sinceramente fundamentada — o professor Marques Pereira conclui afirmando que a superior direcção da educação física da juventude deverá ser entregue à Organização Nacional da Mocidade Portuguesa.

S. C.

XADREZ

F. LUPI e R. NASCIMENTO

ficaram em 1.º lugar «ex-aequo» no recente campeonato de Lisboa

A pesar de estarem em presença concorrentes de força consideravelmente desnivelada, na maioria estreantes — constituindo até elenco algo modesto para a importância da prova — o campeonato de Lisboa decorreu com interesse e regularidade.

Os resultados técnicos foram os seguintes: 1.º — «ex-aequo» — Francisco Lupi e Rui Nascimento, do G. X. L., com 7 pontos; 3.º — Gabriel Russell (mestre), 6,5 p.; 4.º — F. Lasvignes, do G. X. C. S., 5,5; 5.º — Armando Dias, da I. N.; 6.º — A. Araújo Pereira, do G. X. L., 4,5; 7.º — «ex-aequo» — F. Cesar Rodrigues, do H. C. P., e dr. Moraes Sarmento, do G. X. C. S., 3,5; 9.º — J. Artur Costa, da I. N., 1,5; e 10.º — Alberto Mesquita, do H. C. P., 1 ponto.

Verifica-se que o Grupo de Xadrez de Lisboa alcançou boa vitória, pois os seus jogadores, mesmo excluindo Lupi, detentor do título, totalizaram, neste caso, 11,5 pontos, contra 9 do G. X. Costa do Sol, 6,5 da Imprensa Nacional e 4,5 do Hockey Clube.

O nível técnico foi inferior ao das duas últimas épocas. O único interesse da prova residia na primeira classificação, que concede, além do título de campeão de Lisboa, o direito de inscrição no torneio dos mestres. A luta que se travou para a conquista daquela posição resumiu-se ao duelo Lupi-Nascimento, que terminou com honra para ambas as partes, como se diz: «um sensacional empate». Como não se admitiam sistemas de desempate, a Federação de Xadrez determinou que os dois jogadores disputassem um «match» de seis partidas, para a atribuição do título, sendo todavia considerados ambos candidatos a mestres.

Lupi manteve a subida de forma, predominando a impressão de que não se empregou a fundo. Nascimento exibiu-se dentro do seu estilo habitual, obtendo finalmente a reabilitação

dos muitos vezes que tem registado nos últimos tempos.

O mestre Gabriel Russell, sempre activo, se bem que não tenha feito exibição brilhante conseguiu classificar-se com certo relevo, o que em parte o reabilita igualmente de recentes fracassos. É de considerar, porém, que estas recuperações têm valor relativo, dado que a força dos participantes no torneio esteve àquém do que seria para desejar.

Nos postos imediatos firmou-se o esperado trio Lasvignes-Dias-Araújo Pereira. O primeiro, jovem e entusiástico amador, foi a revelação do torneio. Com pouco tempo de prática, mas dotado de notável intuição, mostrou possuir o estilo característico da nova geração dos nossos xadrezistas, comportando-se brilhantemente — aliás a confirmar as boas provas dadas no recente torneio de verão. Armando Dias, um tanto afastado das competições de fundo, obteve também boa classificação e revelou excelente forma. Quanto a Araújo Pereira, começou muito bem mas fraquejou nos jogos finais. Foi duro adversário, mesmo assim, ainda que tivesse jogado, na generalidade, abaixo das suas possibilidades.

Para o sétimo lugar, com percentagem inferior a 50%, Cesar Rodrigues e dr. Moraes Sarmento averbaram um empate. Rodrigues revelou falta de contacto com o tabuleiro e M. Sarmento conseguiu secundar bem o esforço do seu «colega» Lasvignes, registando comportamento superior ao que era lícito esperar da sua menor experiência.

João Artur da Costa e Alberto Mesquita, evidenciando mais boa vontade do que saber, deram boa conta de si.

O torneio foi superintendido dirigido pelo sr. Carlos de Araújo Pires, da Federação Portuguesa de Xadrez.